

Milena do Carmo Pantrigo França

Graduada no Curso de Pedagogia pela
Universidade Nove de Julho - UNINOVE
Vergueiro/SP

RESUMO

Embora o ato de contar histórias para crianças em idade escolar, seja para alguns, apenas um modo de acalma-las e distraí-las, entende-se que se pode usar este mecanismo também para auxiliá-las em seu desenvolvimento. Pode-se por meio da contação de histórias, ajudar as crianças de forma prática, nos primeiros anos do ensino fundamental. O presente trabalho, por meio de uma revisão de literatura, apresentará de que modo a contação de histórias pode contribuir para o processo de aprendizagem do aluno.

Palavras-chave: aprendizagem; contação de histórias, crianças.

INTRODUÇÃO

A contação de histórias para as crianças que estão nos primeiros anos do ensino fundamental, pode ser muito relevante no processo de aprendizagem, além de servir como auxílio para o desenvolvimento do aluno. Neste contexto, o presente trabalho tem como objetivo analisar como a contação de histórias pode ser muito mais do que um modo de acalmar e distrair os alunos.

Justifica-se o uso do tema, o fato da autora do presente trabalho ter atuado como contadora de histórias por cinco anos em um hospital para tratamento de crianças com câncer. Neste período se percebeu, que as crianças ficavam mais atentas e desenvolveram a sua capacidade de comunicação e expressão.

Para a realização do presente trabalho se fez uma revisão bibliográfica, buscando em livros, periódicos e artigos informações que deem base ao tema.

Segundo Cardoso (2000), a pesquisa bibliográfica é de suma importância pois é por meio desta que se consegue descrever e esclarecer as informações contidas nos compêndios assim pesquisados. Deste como o pesquisador, por meio do uso de documentos de fontes primárias, fará a sua análise e suas observações. Tais fontes estão disponíveis em compêndios como artigos, livros ou mesmo por meio de informações digitais.

Deste modo, o presente trabalho abordará num primeiro momento a importância da interação entre o professor e o aluno, depois fará uma abordagem na relação entre a literatura infantil e o processo de aprendizagem

e por último uma análise de como a contação de histórias pode contribuir para aprendizagem do aluno.

A relação entre professor e aluno

Para a realização do presente trabalho se fez uma revisão bibliográfica, buscando em livros, periódicos e artigos informações que deem base ao tema.

Segundo Cardoso (2000), a pesquisa bibliográfica é de suma importância pois é por meio desta que se consegue descrever e esclarecer as informações contidas nos compêndios assim pesquisados. Deste como o pesquisador, por meio do uso de documentos de fontes primárias, fará a sua análise e suas observações. Tais fontes estão disponíveis em compêndios como artigos, livros ou mesmo por meio de informações digitais.

Deste modo, o presente trabalho abordará num primeiro momento a importância da interação entre o professor e o aluno, depois fará uma abordagem na relação entre a literatura infantil e o processo de aprendizagem e por último uma análise de como a contação de histórias pode contribuir para aprendizagem do aluno.

Para a realização do presente trabalho se fez uma revisão bibliográfica, buscando em livros, periódicos e artigos informações que deem base ao tema.

Segundo Cardoso (2000), a pesquisa bibliográfica é de suma importância pois é por meio desta que se consegue descrever e esclarecer as informações contidas nos compêndios assim pesquisados. Deste como o pesquisador, por meio do uso de documentos de fontes primárias, fará a sua análise e suas observações. Tais fontes estão disponíveis em compêndios como artigos, livros ou mesmo por meio de informações digitais.

Deste modo, o presente trabalho abordará num primeiro momento a importância da interação entre o professor e o aluno, depois fará uma abordagem na relação entre a literatura infantil e o processo de aprendizagem e por último uma análise de como a contação de histórias pode contribuir para aprendizagem do aluno.

Competências do educador

A essência do educador está na habilidade de fazer planejamentos de metas para aprendizagem dos alunos, sendo mediador de suas experiências, auxiliando-os no uso das diferentes linguagens, realizando intervenções e fazendo mudanças na rota quando necessário. Talvez, estes bons educadores sejam os que respeitam os alunos por isso levam qualidade lúdica para a sua prática pedagógica (FREIRE, 1984).

Neste respeito, pode-se mencionar a importância de se preparar as aulas, pensando nas necessidades dos alunos. Assim, o professor trará de antemão ferramentas que o ajudarão no ensino e na educação dos estudantes.

Quando a criança brinca, ela está assim se reparando para a vida, pois é através de sua atividade lúdica que ela vai entrando em contato com o mundo físico e social, bem como vai adquirindo compreensão de como são que as coisas funcionam. Assim sendo, pode-se afirmar que quando a criança brinca, parece mais madura, pois entra, mesmo que de forma imaginária, no mundo dos adultos que cada vez se abre para que ela lide com as mais variadas situações. Portanto, a brincadeira é de grande importância para o desenvolvimento infantil na medida em que a criança pode transformar e produzir novos significados. Nas situações em que a criança é estimulada, é possível notar que ela deixa de ver o objeto, ou brinquedo, do modo como ele realmente é e lhe atribui um novo significado, o que expressa seu caráter ativo, no curso de seu próprio desenvolvimento (ZANLUCHI, 2005 p. 28).

Assim, Freire (1997), propõe uma prática de educação onde há discussões e críticas, desenvolvendo a leitura do mundo, a leitura do contexto, fazendo assim com que o sujeito se integre com os conteúdos da educação. Deste modo é possível desenvolver a habilidade de análise do aluno. As ideias parecem alienantes, mas pressupõe uma libertação dos oprimidos de uma classe burguesa.

O afeto é indispensável para que se construa uma relação de confiança entre o professor e o aluno. Demonstrações de afeto não se limitam carinho físico, mas também podem ser demonstrados por meio de elogios, dar atenção às sugestões do aluno e ouvir quando este expressar a sua opinião. Tais fatores criam um ambiente seguro e tranquilo, facilitando o aprendizado (SILVA, 2000).

Quando se cuida do modo como pensamos, vamos tomando consciência de nossas ações e assim, vamos melhorando nossa atitude cada vez mais. Isso é importantíssimo na idade escolar, uma vez que é neste período que o estudante aprende a tomar as suas próprias decisões (FREIRE, 1997).

Nesse sentido, quanto mais conhecer, criticamente, as condições concretas, objetivas, de seu aqui e de seu agora, de sua realidade, mais poderá realizar a busca, mediante a transformação da realidade. Precisamente porque sua posição fundamental é, a de "estar em situação", ao debruçar-se reflexivamente sobre a "situacionalidade", conhecendo-a criticamente, insere-se nela. Quanto mais inserido, e não puramente adaptado à realidade concreta, mais se tomará sujeito das modificações, mais se afirmará como um ser de opções (FREIRE, 1997, p. 12)

A relação professor / aluno, deve ser algo constante, não só

momentos em que se está em aula, mas em todas as atividades possíveis, e também nas ocasiões extracurriculares. Esta interação deve ter como objetivo o aumento de conhecimento do aluno, de forma espontânea e suave (MELLO, 2013).

Neste caso, o educador serve de continente para a criança. Poderíamos dizer, portanto, que o continente é o espaço onde podemos depositar nossas pequenas construções e onde elas são acolhidas e valorizadas, tal qual um útero acolhe um embrião. A criança deseja e necessita ser amada, aceita, acolhida e ouvida para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado (SALTINI, 2008, p.100).

Para Mello (2013 p. 7), estão envolvidos quatro fatores no ato de ensinar e aprender: "o que é falado, o que é entendido, o que é transmitido e o que é captado" Assim, faz parte do planejamento de aula do professor criar atividades com conteúdo que crie vínculos positivos para os alunos e o professor e também para os alunos entre si.

Um dos papéis importante na utilização literatura infantil é, quando o aluno apresenta alguma dificuldade, com o estímulo de suas habilidades vai aumentar sua autoestima, e propor através de atividades lúdicas novos desafios, e não ficar como era antigamente rabiscada o caderno da criança com caneta vermelha e falando que ela estava errada e tirando toda sua autonomia.

Percepção do Professor

Embora a utilização de histórias, deve parecer para criança como uma simples diversão, é uma grande oportunidade para o professor exercitar a sua capacidade de discernimento, como focar o que esta atividade pode desenvolver nas crianças, conseguindo perceber as suas reações, ações, limites, qualidades, dificuldades, facilidades e sentimentos. Além disso, o educador deve observar as diferentes crianças com as quais trabalha, ampliando seu foco na visão global, mirando a diversidade, e aproveitando o melhor disso para ensinar (OSTETO, 2008).

Segundo Piaget (1975)

O educador deve estar atento às diversas fases da vida da criança, pois em cada uma destas fases, haverá uma reação diferente aos estímulos. A primeira fase do nascimento até um mês tem ações rudimentares e reflexos inatos, ganham certo controle sobre os estes, mas não há coordenação sobre as informações e seus sentidos, nem a há percepção da permanência do objeto. (PIAGET, 1975 p. 148)

O professor atento, vai perceber as dificuldades de cada aluno, ou se

há alguma dificuldade entre si, e assim procurará no leque de opções, histórias que ajudem os alunos e se verem como são e se precisam por si só mudarem ou não.

Esta atividade norteará a decisão e percepção do próprio aluno, fazendo mesmo de forma inconsciente, uma avaliação de si mesmo.

Neste contexto, Lisboa (2005) assevera que esta concepção demonstra uma relação de proximidade entre aspectos do clima escolar relacionados com a vitimização entre pares, o que permite compreender que tal fenômeno sofre influência do meio escolar e, por tal, necessita ser investigado.

O professor ao ensinar deve criar condições para o desenvolvimento e aprendizado do aluno, o foco do professor deve estar entre ele, o aluno e o conhecimento. Não basta perceber o que deve ensinar, mas também se a criança está correspondendo ao estímulo, e se ela realmente está conseguindo aprender o que o professor se dispôs a ensinar.

Para isso o professor precisa compreender as características de cada um, como suas habilidades e qualificações e condições pessoais. Ao utilizar um certo estímulo ao raciocínio como por exemplo uma brincadeira, um jogo ou uma interação, é importantíssimo perceber se há uma reciprocidade do aluno, e se este correspondera ao desenvolvimento esperado (ALMEIDA, 2007).

Parceria com os pais

Os orientadores precisam contar com a ajuda dos pais e da escola, para obterem sucesso em seu programa de ensino, utilizando brincadeiras. A participação dos pais é valiosa em todos os sentidos, no entanto a escola precisa também colaborar, dando aos pais a oportunidade de estarem presentes, dando suas opiniões e entendendo os métodos de ensino que serão aplicados a seus filhos.

A participação dos pais nas escolas não deve ser encarada como sendo de pouca importância, ou utilizado como último recurso quando as coisas não andam bem, como dificuldade no aprendizado, ou falta de interação da parte da criança, ou como necessárias apenas nos eventos festivos promovidos pelas escolas. A interação deve ser encarada como sendo uma possibilidade de enriquecimento mútuo e de ampliação de espaço democrático na escola. A criança cuja família participa de forma mais direta no cotidiano escolar, apresenta um desempenho superior em relação a que os pais estão ausentes do seu processo educacional. Ao conversarem com o filho sobre o que acontece na escola, cobrarem dele e ajudarem a fazer o dever de casa, falarem para não faltar à escola, tirar boas notas e ter hábitos de leitura, os pais estarão contribuindo para a obtenção de notas mais altas. Além disso, reduz a evasão escolar e a

deprecação da escola (ESTEVÃO, 2006 p. 33).

Os pais poderão assim ser verdadeiros parceiros de seus filhos e aliados dos educadores, quando dão apoio e se inteiram dos programas aplicados na escola. O modo entusiasmado dos educadores, quando aplicam métodos de aprendizado, e o modo como a escola colabora com este educador, pode produzir nos pais um desejo positivo de mudar o seu modo de olhar, melhorar seu jeito de educar e colaborar com o desenvolvimento de seu filho (BARBOSA; HOR, 2008).

A escola deve criar oportunidades de atividades intensas, incluindo os alunos, professores e pais, fazendo assim que todos interajam, e que os pais saibam de tudo o que acontece na escola. Quando a escola valoriza a participação dos pais, é bem provável que os pais irão valorizar os esforços conjuntos da escola e de seus educadores.

Conforme Paro (2003):

A escola, em contrapartida, precisa aproveitar todas as oportunidades de contato com os pais para passar a eles informações sobre os seus objetivos, recursos, problemas e sobre as questões pedagógicas que se apresentarem. Somente deste modo eles irão sentir-se comprometidos com a melhoria da qualidade escolar. Se a instituição não informar a família sobre o trabalho escolar, dificulta o diálogo, os pais cobram o que não deveria ser cobrado ou ficam desmotivados e não participam. Então, a escola precisa deixar claros os seus objetivos e dinâmicas. (PARO, 2003 p. 61):

Além disso, a escola precisa levar em conta a opinião do educador e dos pais, provendo-lhe o necessário para a execução de seu trabalho. Pode-se dizer que passa a ser um trabalho conjunto, onde a escola deixa claros seus objetivos, e fornece ao professor condições de trabalho, o professor atua dentro dos objetivos da escola, e os pais procuram fazer o máximo para estar presente e apoiar os eventos e oportunidades dados pela instituição de ensino (PARO, 2003).

Os pais em parceria com a escola podem vir a serem grandes colaboradores, incentivando as crianças no que diz respeito a sua autonomia. A escola pode fazer com pais aprendam que as atividades de brincar a criança podem demonstrar a li sinais de angústia, tristeza, medo e insegurança frente a uma realidade que possa estar vivendo, e com a ajuda dos jogos em forma de brincadeiras a criança aprende a controlar suas emoções.

Literatura infantil e o processo de aprendizagem

A criança que começa bem cedo a ter acesso a literatura infantil, ela passa a ter uma maior compreensão do indivíduo, do que é justo e injusto, do

que é certo ou errado e verifica, muitas vezes pelos desfechos das histórias que fazer o que é errado não compensa. Assim, a literatura infantil entra na vida da criança, auxiliando inglês (Estados Unidos) a sua tomada de decisão e de reflexão, quando não há alguém por perto para guiá-la (CUNHA, 2009).

Para Bettelheim (1996), por meio de muitas histórias infantis, a criança passa a conhecer melhor a si mesma, tendo assim a oportunidade de desenvolver a sua personalidade. Tais contos enriquecem a existência da criança de tal maneira, que muitos autores jamais imaginariam.

Em apenas uma história, a quantidade de informações exibidas são tantas, que a criança pode perceber vários aspectos interessantes. Isso pode prepará-la, por exemplo, para lidar com a diversidade cultural, com o preconceito e até mesmo criar uma opinião sobre questões de importância social e ambiental.

A interação de aluno com a literatura infantil é fundamental para o seu desenvolvimento. Por exemplo, a história contada pode incluir episódios que mencionem a agressão ou vitimização como algo extremamente errados. Por entender a consequências contidas na história, a criança que tem tendência para praticar tais atos pode se identificar e mudar de proceder (CUNHA, 2009).

Outro fator é a divisão de crianças em grupos e a exclusão social, que se pode se dar por vários aspectos. Uma história bem elaborada pode ajudar aos alunos, mostrando a importância da união e de se respeitar as diferenças (LISBOA, 2005).

Quando a diversidade ocorre em sentido cultural, pode-se entender que cada sociedade institui uma moral ou em caso de sociedades mais hierarquizadas possuem mais de uma moral, que é válida para todos os seus membros. Estes costumes são anteriores a esta geração atual e formam a base da sociedade em que vivemos sendo considerados inquestionáveis e tornam-se fatos naturais. A ética, ao contrário, fundamenta as ações morais exclusivamente pela razão. Alguns filósofos que trataram do assunto "ética", falaram de como eles encaravam a relação do homem com seu semelhante, do homem com a natureza e sua conduta na sociedade (ROUSSEAU, 2009).

Deste modo, a verdade ética depende da sociedade, grupos, indivíduos, costumes e meio onde se vive. Assim, o relativismo não exige que todas as pessoas tenham o mesmo comportamento, pois confrontadas com as mesmas situações, cada pessoa, dependendo de sua cultura, reagirá de uma maneira, sendo contra ou a favor a tal comportamento. Dentro do relativismo não deve haver acusações,

reclamações e nem condenações. Além disso, no relativismo ético não se pode impor o que é melhor ou pior (MORA, 2004).

Estudos de Filho e Guzzo (2007), apontaram fatores de risco e proteção pela percepção de escolares em relação a processo de vitimização: brigas familiares, morte, carência financeira, xingamentos, entre outros. Em relação aos fatores de proteção: relações de amizade, relacionamento com os pais, além de liberdade para brincar e independência de locomoção.

Conforme Camargo (2002), apesar da criança ter sofrido alguns

transtornos, mesmo nos períodos iniciais da vida, é possível que se consiga bons resultados na melhora da aprendizagem com o uso de terapia e contação de histórias, pois este recurso rompe o círculo de amizade da criança, quer no seu lar ou no ambiente escolar, e este passará a conviver, mesmo que temporariamente, com profissionais preparados para lidar com dificuldades emocionais e histórias que possuem finais felizes, criando assim uma relação com a sua realidade.

Quando o professor passa a usar de literatura para ensinar, a criança passa a ter uma outra visão de si mesma, mudando assim o seu autoconceito. Isto se dá pelo fato de que os autores podem ter escrito devido a já vivenciarem problemas e terem assim uma visão diferente da vida. Tal experiência, faz com que o tratamento que as pessoas mais velhas dispensam a criança seja diferenciado, sem preconceito ou julgamento (CAMARGO, 2002).

Assim, o uso de literatura infantil na escola, faz com que o aluno tenha condições de desenvolver o seu próprio ponto de vista, tomando assim uma posição diante dos pontos narrados. Além disso, a criança pode trocar informações com outras crianças, colhendo também outros pontos de vista. Isso as auxilia no desenvolvimento de comunicação e melhora a sua relação interpessoal.

A Importância da Contação de História para a Aprendizagem

Os contadores de histórias têm tido muito êxito em transmitir informações desde a idade média, onde eram encarados com muito respeito e tinham livre acesso por onde passavam. Era muito comum as pessoas se reunirem em volta de uma fogueira para ouvirem contos e obterem conhecimento de tradições e culturas de povos que jamais conheceriam (TAHAN, 1961 apud SILVA, 2011).

De acordo com Silva (2011):

Sendo assim, por muito tempo o contar histórias foi uma atividade oral: as histórias, reais ou inventadas, eram contadas de viva voz. Com o aparecimento da escrita, perfilam-se ao lado das histórias orais e das histórias escritas. Com a escrita a história propriamente dita surge como relatos de eventos que se acredita terem acontecido de fato, ou relatos de eventos que provavelmente eram imaginados. Acredita-se que a origem da literatura infantil nasceu dos contos populares. (SILVA, 2011 p. 22):

Uma vez que o objetivo da educação é transformar as crianças em adultos reflexivos, que saibam tomar as suas próprias decisões e tenham uma participação ativa na sociedade, as informações contidas em um livro infantil deve levar informação relevante à criança. Entretanto, aquele que lê, deve fazê-lo de um modo que dê vida a palavra escrita e leve a criança ao

entendimento e ao discernimento (COELHO, 2000).

Para Vigotski (2006), a tarefa do professor não é unicamente desenvolver o pensar, mas também muitas capacidades dos mais diferentes campos; não apenas a atenção, mas as faculdades de concentrar esta atenção sobre todas as disciplinas.

Também se pontua que a criança inicia seu processo de aprendizagem desde o seu nascimento todo e qualquer tipo de contato com crianças e adultos que estão inseridos no ambiente social e familiar gera o aprendizado.

Conforme destaca Vigotski (2006),

[..] e aprendizagem é um memento intrinsecamente necessário a universal para que se desenvolvam nas crianças as características humanas não naturais, mas que são formadas historicamente. Assim acredita-se que todo o processo de aprendizagem é uma fonte de desenvolvimento que ativa numerosos processos, que não poderiam desenvolver-se por si mesmos sem a aprendizagem. Vigotski (2006, p. 115),

Logo, Perrenoud (2002) afirma que o docente tem o papel de mediar e orientar os conhecimentos, criar situações que favoreçam a capacidade da criança, apropriando-se de métodos alternativos para facilitar e desenvolver o conhecimento e o papel do educando se torna de maior importância, dado que este é que constrói e reconstrói seus saberes.

Deste modo, a leitura deve ser valorizada como uma arte, contribuindo para o aprendizado do aluno, tornando possível que ele entre em contato com os personagens da história, fazendo tirar lições importantes para a vida real. Além disso, o educador poderá aproveitar as informações escritas, dando ênfase também na alfabetização inicial (SILVA, 2011).

Para Coelho (2000), o educador pode contribuir também, por meio da contação de história, colocar os alunos em contato com outros costumes e outras culturas. Isso contribui para que o aluno entenda a importância do relativismo cultural existente, passando desde os primeiros anos escolares a aceitar a diversidade de costumes, tradições e culturas existentes.

A contação de histórias leva estimula os alunos a aprenderem de forma lúdica, semelhante ao uso de brincadeiras e jogos. Assim, o educador apresentará na forma de entretenimento, lições valiosas para a vida das crianças. Neste momento, pode-se transmitir conceitos, explicar fenômenos naturais, normas e regulamentos que devem ser respeitados e outros pontos (COELHO, 2000).

Esta nova proposta educacional tem como objetivo principal fazer sim que a criança tenha o maior vínculo com o aprendizado, sendo assim, as práticas pedagógicas devem estar posicionadas em conformidade com este novo tipo de educando. Para tanto, é importante citar o novo caminho também percorrido pela

Educação Infantil, conforme fixado na Lei federal nº 12.796, de abril

de 2013, que antecipa, obrigatoriamente, o ingresso da criança no ambiente escolar, uma vez que, nesta fase o currículo garante um aprendizado voltado para o trabalho lúdico, os vínculos afetivos, a exploração da psicomotricidade, as experiências vividas tanto na escola, quanto no ambiente familiar e com a comunidade (BRASIL, 2013).

Entende-se que a criança demonstre, na maior parte do tempo, seu desejo de aprender a fazer as mais diversas atividades, dentre elas, o anseio pela leitura e escrita, porém, a cobrança antecipada de conteúdos de maior complexidade, muitas vezes, tende a atrapalhar o fluir de seu desenvolvimento. Além disso, a criança de 6 (seis) anos, por inúmeras vezes, apresenta ainda uma relação imediata com o adulto que a assiste e os laços afetivos trabalhados na Educação Infantil estão impregnados em sua consciência. A partir deste ponto, o professor de primeiro ano não deve de maneira alguma podar de forma drástica seu comportamento (SILVA, 2011).

À medida que o cérebro começa a se desenvolver em termos de tamanho, a criança começa dramaticamente a conseguir resolver problemas, onde precisa usar sua capacidade de raciocínio. E hora então, de desafiar a criança para brincadeiras em que tenham que utilizar o pensamento, desenvolvendo o cérebro em atividades e inglês (Estados Unidos) brincadeiras divertidas. O jogo de palavras, formar frases, fazer rimas, ou simplesmente uma atividade de repetição, faz a preparação da criança para o uso da linguagem e estará se desenvolvendo para a pré-leitura, que lhe dará um maior êxito na escola (WARNER, 2000).

O estudo da poesia em sala de aula, tem contribuído para estimular a crianças a apreciarem a leitura. O avanço de recursos tecnológicos como vídeos, computador, internet, dentre outros, não tem contribuído para o avanço do uso de livros, pelas crianças. Pode-se dizer inclusive, que tem contribuído para desestimular a utilização da leitura. Conduzir a criança a um livro, é uma maneira de se formar um futuro leitor. O uso da poesia parece ter um papel fundamental neste sentido. As poesias podem ser textos visuais, músicas e versos que farão a criança descobrir um novo modo de pensar e de dizer as coisas. Uma maneira de expressão de seus sentimentos (MAIA, 2008).

O desenvolvimento psicológico também é de suma importância, pois a criança começa a tomar posse de sua própria identidade. A partir do momento que ela passa a se conhecer melhor, começa a ganhar confiança em sua capacidade de realizar coisas novas e completar algumas tarefas. Assim ela começa a descobrir quais atividades tem o seu perfil, e está começando aí a sua interação social. De forma psicossocial, a criança deixa de chorar para expressar o seu desejo, e começa a raciocinar e criar argumentos para que possa ser melhor compreendido os seus sentimentos. Outro ponto a salientar, é que quando a criança tem a oportunidade de brincar com outras crianças, ou tem contato com outras pessoas, ela começa a desenvolver a sua interação social (WARNER, 2000).

Embora a comunicação escrita tenha um valor fundamental, a comunicação oral por meio da contação de histórias, pode estimular a

imaginação do aluno, principalmente, quando a comunicação é passada com emoção. Além disso, pode criar no aluno um interesse maior pela literatura, fazendo com que ele se torne um bom leitor no futuro (SILVA, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo analisou a importância da contação de histórias para o processo de aprendizagem da criança. Tal aspecto é importante não somente para distrair e acalmar as crianças, mas também pode ser útil para o seu desenvolvimento.

Notou-se que a função do educador não é somente transmitir informações ou conhecimento, mas também é ajudar o aluno a conhecer a si mesmo, tomando ciência de suas ações e sim criar mecanismos que o auxiliem em manter a atenção do aluno, para que este possa entender os ensinamentos aplicados.

Um aluno provido de conhecimento, habilidade e valores terá melhores condições de se integrar a uma sociedade, agindo de forma ética e responsável.

Notou-se assim que a educação deve ser libertadora, contribuindo para que o aluno desenvolva seu senso crítico e analítico das situações.

Para tanto, o professor precisa desenvolver sua capacidade de percepção, assim, vai perceber as dificuldades de cada aluno, o se há alguma dificuldade entre si, e deste modo vai procurar algumas opções como histórias que ajudem os alunos a se verem e se precisam por si só mudarem ou não. Tal fator demonstrará uma relação de proximidade entre professor e aluno, que permitirá maior interação e aproveitamento de conteúdo. Assim, o professor precisa compreender as características de cada um, como suas habilidades e qualificações e condições pessoais.

No que se refere ao uso da literatura no processo de aprendizagem, notou-se que, por meio de muitas histórias infantis, a criança passa a conhecer melhor a si mesma, tendo assim a oportunidade de desenvolver a sua personalidade em apenas uma história, a quantidade de informações exibidas são tantas, que a criança pode perceber vários aspectos interessantes, preparando-a para lidar com desafios futuros.

Deste modo, objetivo da educação é transformar as crianças em adultos reflexivos, que saibam tomar as suas próprias decisões e tenham uma participação ativa na sociedade. As informações contidas em um livro infantil devem levar informação relevante à criança.

Percebeu-se que a medida que a criança passa a se conhecer melhor, começa a ganhar confiança em sua capacidade de realizar coisas novas e completar algumas tarefas. Deste modo, ela começa a descobrir quais atividades tem o seu perfil e está começando aí a sua interação social.

Entende-se assim que, o aluno pode por meio das informações recebidas em uma história, ter condições de desenvolver o seu próprio ponto de vista. Isso auxilia no desenvolvimento de comunicação e melhora a sua relação interpessoal.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. A. **Percepção de Gestores e Técnicos sobre o processo de Gestão por Competências em Organizações no Brasil**. Brasília: UFB, 2007.

BARBOSA, M. C. S.; HOR, M. G. S. **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de Fadas**. São Paulo: Ática, 1987.

BRASIL. **Lei 12.796/2013**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112796.htm> Acesso em 01 de ago. 2016.

CAMARGO, D. de. Emoções e sentimentos nos processos de aprendizagem. **Revista Interação em Psicologia**. 6, p. 213-222, 2002.

CARDOSO, L. S. **Exercícios e notas para formular uma pesquisa**. Rio de Janeiro: Papel Virtual; 2000. Inglês (Estados Unidos)

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática**. 1.ed. São Paulo: Moderna, 2000.

CUNHA, E. S. M. Efetividade deliberativa: estudo comparado de conselhos municipais de assistência social. 2009. **Tese (Doutorado)** - Departamento de Ciência Política, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2009.

ESTEVÃO, C. Educação, justiça e direitos humanos. **Educação e Pesquisa**, v. 32, n. 1, p. 85-101, 2006.

FILHO, A. E., GUZZO, R. S. I. Fatores de risco e proteção: percepção de crianças e adolescentes. **Temas psicol.** v.14 n.2. 125-141, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25ª ed. São Paulo: Centauro, 1997

LISBOA, C. S. M. **Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade de crianças em idade escolar: fatores de proteção e risco**. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

MAIA, A.M.S. **Poesia é brincar com palavras**. Rio de Janeiro, Editora Ufal, 2008 p. 7.

MELLO, T. A Importância da Afetividade na Relação Professor/Aluno no Processo de Ensino/Aprendizagem na Educação Infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação** - Volume 4 - nº 1 - 2013.

MORA, J. F. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Loyola, 2004.

OSTETTO, Luciana Esmeralda (org). **Educação Infantil: saberes e fazeres da formação de professores**. - Campinas, SP: Papyrus, 2008.

PARO, V. **Gestão democrática da escola pública**. São Paulo, Ática, 2006.

PERRENOUD, P. H. **A prática reflexiva no ofício do professor: Profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens**. 2ª Ed. Tradução de Alex Martins. São Paulo: Martin Claret Ed., 2009.

SALTINI, C. J. P. - **Afetividade e inteligência**. 5º ed.- Rio de Janeiro: Wak, 2008.

SILVA, I. R. **Contação de história e sua contribuição para o processo de ensino e aprendizagem**. Maringá: UEM, 2011.

TAHAN, Mala, Pseud. **O Homem que calculava: aventuras de um singular calculista persa.**/ Malba Tahan.- 21ª ed . -Rio de Janeiro: Conquista, 1962.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. 6ª ed. São Paulo, SP. Martins Fontes Editora LTDA, 1998.

WARNER, P. Livro: **Aprender brincando - brincadeiras e atividades para crianças de 3 a 6 anos**. São Paulo, Editora Ground, 2000, p. 8.

ZANLUCHI, F. B. **O brincar e o criar: as relações entre atividade lúdica, desenvolvimento da criatividade e Educação**. Londrina: O autor, 2005.